

INFORMA AFRICATIVO

EMEF/EJA Oziel Alves Pereira – Africanidades é Interdisciplinariedade

DIRETOR: Aziz Julio Salles Ramos

VICE DIRETORAS: Fernanda Maria Bestetti Ferreira e Vladenir Ap. Penariol Silva

O. PEDAGÓGICA: Ana Rosa Mobilon - Isaac Rodrigues Saglia

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, s/n, Parque Oziel - Campinas - São Paulo - CEP: 13049-066 -

FONE: 3269-6232

APOIO: CONEPPA – Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades - FÓRUM PERMANENTE de Educação e Diversidade das Relações Étnico-Raciais –

CEFORTEPE - Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional

Edição 42 – Dezembro 2017 – Circulação Virtual

Acesso internacional: Andorra, Ireland, Estados Unidos, Argentina, Canadá, Portugal, Espanha, Guiné Bissau, Philippines,



Estilo capilar fractal – imagem baixada da internet

FRACTAIS

Fractais e a cultura africana

- Os *fractais* são parte da natureza, são parte de nós. Inegavelmente, fractais também influenciaram diversas culturas, antes mesmo do computador ser capaz de gerá-los automaticamente – nós já tínhamos consciência deles – desde a arquitetura dos templos indianos até as estruturas das aldeias indígenas africanas onde o fractal é expressado em sua arquitetura, tecidos, arte e religião.

De acordo com Ron Eglash, professor universitário e autor de “African Fractals: Modern Computing and Indigenous Design” (*tradução livre: “Fractais Africanos: moderna copilação e design indígena”*) diz que essas criações não são apenas inconscientes e intuitivas, mas também partes de recursos e descamação da terra que existe no sistema de conhecimento antigo indígena africano.

Muitas vilas, construídas por várias gerações, sem ninguém específico no comando resultou na formação de um intrincado padrão fractal como um todo.

Como no sul de Zâmbia, a Vila Bai-la foi desenhada com enormes anéis. Cada extensão dos anéis, onde se formam os círculos são as casas de família. Perto do portão principal são os locais de armazenamento de pequeno porte, e movendo-se em torno do anel, os locais se tornam habitações progressivamente maiores, até a maior, *a casa do pai*, em frente ao portão. Assim, de frente para trás as medidas gradientes equivalem ao status da casa. Na parte de trás da casa de cada família é o altar doméstico.

É um anel de anéis em estado gradiente. Aumentando com o tamanho da frente para trás, refletida em todas as escalas do assentamento. A relação do chefe da tribo é descrita pela palavra “*kulela*”, que significa “curandeiro e aquele que acalenta”. Ele é como o pai da comunidade, e essa relação é ecoada por todos e os laços espirituais em todas as escalas, e é estruturalmente mapeado através da arquitetura auto-similar.

Eglash começou esta pesquisa na década de 1980, quando ele notou os padrões marcantes do fractal em fotos aéreas de assentamentos africanos. (<https://ograndejardim.com/2015/04/01/fractal-e-a-cultura-africana/>)

“Nas montanhas Mandara na região de Camarões, vivem várias etnias se auto referem como ‘Kirdi’. Seu design fractal “Mokoulek” com pequenos silos circulares e celeiros circulares maiores em espiral dentro de três grandes recintos de pedra, que fazem outro espiral a partir de um ponto central que é a parte quadrada.

Há um tipo de receita ou algoritmo que determina como o sistema expande para acomodar o crescimento. É determinada pelo conhecimento do rendimento agrícola. Esta medida do volume foi convertido em números de silos e estes foram arranjados em espirais. O design não é simplesmente uma questão de adicionar celeiros de forma aleatória, mas sim a expansão de um processo quantitativo e deliberada.”

Não apenas na arquitetura, mas fractais também são vistos em tecidos, esculturas, máscaras, ícones e cosmologias religiosas africanas. Na Etiópia, fractais podem ser vistos em cruzamentos de ruas (com uma iteração três vezes) e também nas igrejas de Lalibela. Imagens fractal são usadas em religiões africanas para mostrar deuses com o maior e o menor poder espiritual.

O mesmo princípio de construção com base em uma forma fractal pode ser aplicada à concepção de “*Cornrow*” ou penteados trançados. Os africanos têm utilizado a técnica dos fractais para criar belos e intrincados penteados já há um longo tempo, trançando iterações.

É surpreendente como fractais desempenham um papel vital na formação do tecido de nosso universo, não é só presente em plantas, árvores, nuvens, montanhas, rios, etc., mas o seu presente em antigas civilizações em todo o mundo que imitam nosso projeto cósmico! **Fontes: fractal enlightenment +**

referências

Às professoras e equipe gestora

É na relação com as pessoas que temos buscado o enfrentamento do racismo e as possibilidades para construção de um currículo em africanidades. As tensões e alegrias partilhadas no dia a dia, fazem na prática cotidiana a forma de ser e estar consciente desse processo e das formas de superação. A cada dia, a cada aula, a cada encontro, a cada leitura, a cada partilha vamos conjuntamente nos conscientizando do processo a que a temática das africanidades nos coloca por desafio, buscando a superação das desigualdades raciais e suas especificidades no que tange a prática educativa. Assim é sempre necessário reafirmar a coletividade a que estamos submetido nesta construção:

CORPO DOCENTE: Acacia Aparecida da Silva; Adriana Maria Sartori; Anele Amorim Silva Loavo Pires; Angélica Bellodi SantAna Furlan; Anicéia Vieira de Andrade; Ariane Gabriela Frasson; Cassia Regina Volpone Urvanegia; Celso Augusto Carneiro Matheus; Damaris Aparecida C.M.Silva; Daniela Marques Fernandes; Eliana Aparecida Alves Gomes; Elisângela Pereira dos Santos Bispo; Fabricia Martins Gomes; Fernanda Alves Suassuana Barreto; Geisiane Guimarães Cohen Couto; Guilherme de Arruda Carvalho Freitas; Iara Aparecida Luz; Isabel Fávaro; Ivanda Pereira; Karina da Silva Teixeira Orioli; Lorena Salomé de Campos Tonholi; Luciana Silva Batalha; Luciane da Silva Celestino de Faria; Luiz Carlos Capellano; Marcos César da Silva; Margarete Morgante; Maria Antônia de Jesus Castro; Maria Cristina Navarro Alonso; Maria Lucia Beltrami Faxina; Maria Lucia Rodrigues Magdal; Marina Venâncio Grandolpho; Patricia Lopes Fernandes Bellini; Paulo César de Rezende Hendges; Raquel Mundim Torres; Roziley Alves Gomes; Sergio Roberto Rodrigues Laranjeira; Silma Edina de Araújo Monteiro; Simone Dionísio Bastos Assumpção; Sofia Dominichini Vechi; Sônia Soares do Amaral; Sueli Aparecida Batista; Sueli Isabel Costa; Suzeley Silva Souza; Valéria Freitas da Silva Vilanova; Vânia Maria Santos de Souza Câmara; Vania Santiago Moraes Almeida; Viviane Maria Marchi; Wagner Avona Braga; Willian Sena Debnet; Wilson Queiroz; Wolney Colussi;

EQUIPE GESTORA: Aziz Julio Salles Ramos, Vladenir Penariol, Fernanda Bestetti Ferreira, Ana Rosa Mobilon, Isaac Saglia.

Marcha Zumbi dos Palmares

É sempre um momento de destaque a participação dos estudantes na Marcha Zumbi dos Palmares, onde efetivamente os Movimentos Negros da cidade de Campinas, levantam as grandes temáticas que norteiam a luta contra o racismo e ao mesmo tempo apontam caminhos para o enfrentamento e superação das desigualdades. Nesta ocasião os estudantes da escola, tem recebido o que de melhor é produzido em termos de luta e de preservação e manutenção das organizações negras e também as perspectivas que se abrem a partir de suas lutas históricas. Parabenizamos e nos comprometemos em especial com o **COMITÊ 20 DE NOVEMBRO**, que é responsável pela realização do evento.

Paul Lewin e a ficção afro-científica





Falsa

por Valéria Freitas da Silva Vilanova – Junho 2017

O que se sente,
O que corrói,
Sufoca a alma,
E aperta a gente
Não tem nome,
Não se fala.
A dor sente
E se cala.
Toda raiva,
Ou será medo?
Mágoa?
Tristeza ou dor?
Se não dita,
Não nomeada,
Não se entende
E mata o amor.
A palavra tem que ser dita,
Tem que ser posta na língua,
No papel de pão,
No vidro embaçado,
Na palma da mão...
Onde for!
Pois já dizia aquele homem,
Como é mesmo o nome?
Aquele com charuto...
Cara esperto, sabido...
Freud era o matuto:
Quando a boca cala
(A alma grita)
O corpo fala
Quando a boca fala
(A alma repousa)
O corpo sara.
Palavra é cura.
Fala.